

## **Representatividade de mulheres professoras no campo educacional do Pará em nomes de escolas do estado**

***Representation of women teachers in the educational field of Pará in the names of state schools***

***Representatividad de mujeres profesoras en el ámbito educativo de Pará en los nombres de las escuelas del estado***

Livia Sousa da Silva<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Pará, Brasil.

Daniel de Souza Saraiva<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pará, Brasil.

Lorena Cristina Gonzaga Pereira<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Pará, Brasil.

### **Resumo**

O presente trabalho se dedica ao estudo do pensamento educacional de mulheres no Estado do Pará com o objetivo de compreender as razões pelas quais determinadas mulheres foram homenageadas com nomes de escolas do estado do Pará e o que essas mulheres significaram na educação desse Estado. Este é um estudo analítico do tipo levantamento de banco de dados no *site* do Governo do Pará. Assim, para alcançar o objetivo proposto, a pesquisa ficou restrita às escolas da URE 19 que abrange deztoitos USE's, num total de 346 escolas. Os resultados indicam duzentos nomes masculinos, noventa e seis femininos e cinquenta nomes que não são representativos de nomes de pessoas. Também foi observado a sobrevalência da representatividade de nomes de homens ao de mulheres no que diz respeito à utilização de seus nomes nas escolas do estado do Pará, assim como o apagamento das mulheres da história.

**Palavras-Chave:** História da Educação de Mulheres; representatividade feminina; mulheres educadoras; escolas públicas; educação paraense.

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais Sociologia. Universidade Federal do Pará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1652-1041>. E-mail: [liviasilva@ufpa.br](mailto:liviasilva@ufpa.br).

<sup>2</sup> Pós Graduado em Metodologia do Ensino de História. Universidade Federal do Pará. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2056-3112>. E-mail: [profdaniel2017@gmail.com](mailto:profdaniel2017@gmail.com).

<sup>3</sup> Especialista em educação/técnica em educação. Universidade Federal do Pará. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7113-6059>. E-mail: [lorenagufpa@gmail.com](mailto:lorenagufpa@gmail.com).



### **Abstract**

*This work is dedicated to the study of the educational thought of women in the State of Pará, aiming to understand the reasons why certain women were honored with the names of schools in the State of Pará and what these women represented in the education of this State. This is an analytical study of the database survey type on the Government of Pará's website. Thus, to achieve the proposed objective, the research was limited to schools in URE 19, which covers eighteen USEs, totaling 346 schools. The results indicate two hundred male names, ninety-six female names, and fifty names that are not representative of people's names. It was also observed that there is a predominance of male names over female names regarding the use of their names in the schools of the State of Pará, as well as the erasure of women from history.*

**Keywords:** History of Women's Education; female representation; women educators; public schools; education in Pará.

### **Resumen**

*El presente trabajo se dedica al estudio del pensamiento educativo de mujeres en el Estado de Pará con el objetivo de comprender las razones por las cuales determinadas mujeres fueron homenajeadas con nombres de escuelas del estado de Pará y lo que estas mujeres significaron en la educación de dicho Estado. Este es un estudio analítico del tipo levantamiento de base de datos en el sitio web del Gobierno de Pará. Así, para alcanzar el objetivo propuesto, la investigación se restringió a las escuelas de la URE 19, que abarca dieciocho USE's, con un total de 346 escuelas. Los resultados indican doscientos nombres masculinos, noventa y seis femeninos y cincuenta nombres que no representan nombres de personas. También se observó la prevalencia de la representatividad de nombres de hombres sobre la de mujeres en lo que respecta al uso de sus nombres en las escuelas del estado de Pará, así como el borrado de las mujeres de la historia.*

**Palabras clave:** Historia de la Educación de las Mujeres; representación femenina; mujeres educadoras; escuelas públicas; educación en Pará.

## **INTRODUÇÃO<sup>4</sup>**

Ao levantar estudos que tratem da história da educação de mulheres, Livia Silva e Elianne Sabino (2021) descobrem que, não só esses estudos são escassos, como eles estão centrados nas políticas educacionais e/ou práticas pedagógicas de instituições que visavam a educação de mulheres. Esse é o caso de trabalhos como o de: Camila Oliveira (2017), *Instituto Santa Catarina de Sena: incursões educativas na formação de meninas em Belém do Pará (1903-1960)*; Elianne Sabino (2012), *A*

---

<sup>4</sup> Como resistência epistemológica, os nomes das autoras mulheres serão escritos por extenso, para que se identifique que se trata de uma mulher, e para que não fiquemos subsumidas ao sobrenome, quer seja de nossos pais e/ou de nossos cônjuges.

*Assistência e a Educação de Meninas Desvalidas no Colégio Nossa Senhora do Amparo na Província do Grão-Pará (1860-1889)*; Marilene Barros (2010), *A Educação de mulheres no Colégio São José (1950-1962)*; Adriene Pimenta (2012), *A Educação de mulheres no Colégio São José (1950-1962)*; Costa (2014), *A Educação de Meninas órfãs, desvalidas e pensionistas no asilo de Santo Antônio, no pastorado do bispo d. Antônio de Macedo Costa em Belém – Pará (1878 – 1888)*; Faneide Bittencourt (2016), *Escola doméstica Nossa Senhora da Anunciação: a formação de meninas para servir a Deus, a família e ao lar Ananindeua/Pa (1949-1971)*.

A mulher, nessa abordagem historiográfica é sujeito que sofre ações, está subsumida à instituição que quase sempre é o verdadeiro objeto de pesquisa. Isso em nada menospreza os trabalhos supracitados que cumpriram seus objetivos e nos trazem contribuições valiosas. No entanto, carecemos de sobrelevar a figura da mulher educadora, aquela que formulou políticas, idealizou projetos formativos e liderou instituições, ou seja, apresentar as mulheres como protagonistas da sua própria história.

Para citar alguns exemplos, temos os trabalhos produzidos pelos programas de Pós-Graduação em Educação da UFPA e da UEPA – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED-UFPA); Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED-Uepa); e Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica da Universidade Federal do Pará (PPEB-UFPA). No interstício levantado por Laura Alves, Nery e Livia Silva (2019), entre 2005 e 2018, nos PPGED-UFPA e PPGED-Uepa, complementada por essas autoras até 2025, nos mesmos programas e acrescentando o PPEB-UFPA.

Ganham destaque a Tese de Ana Maria Maciel Corrêa (PPGED-UFPA, 2017) que trata da *A trajetória de uma educadora e sua produção didático-pedagógica: Ester Nunes Bibas e a Educação do Pará* que aborda, de fato, a figura de uma educadora paraense; a tese de Nery (PPGED-UFPA, 2023), *A professora primária nas personagens femininas nas obras romanesecas de Lindanor Celina (1920-1930)*, que investiga como os romances de Lindanor Celina (principalmente *Menina Que Vem de Itaiara* e *Eram Seis Assinalados*) materializam discursos sobre a professora primária no cenário ficcional de Itaiara/Bragança entre 1920 e 1930.

Temos no PPGED-Uepa, a dissertação de Joelma da Silva Trindade (2023):

*Monte Serrat e o desejo de ser: intelectual, escritora e educadora negra abaetetubense*, cujo objetivo foi o de analisar a trajetória pessoal e profissional de Maria do Monte Serrat, nos anos de 1940-1970. Para isso, investigou a trajetória de vida pessoal e profissional de Maria do Monte Serrat Carvalho Quaresma, uma mulher negra nascida em Abaetetuba (Pará), que atuou como professora, escritora, poetisa e educadora religiosa. Outra dissertação significativa para o campo da História da Educação de mulheres é a de Silva (2024): *Serafina Cinque: trajetórias de uma educadora e religiosa na transamazônica (1970 – 1988)*, que é um estudo que analisa a formação, atuação e práticas educativas e missionárias de Serafina Cinque no contexto da colonização da Amazônia pelo projeto da Rodovia Transamazônica, entre os anos 1970 e 1988.

No Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica da Universidade Federal do Pará (PPEB/UFGPA), temos os trabalhos de: Globovante (PPEB, 2020) que é sobre a *Professora Maria Annunciada Ramos Chaves: contribuições para a História do Brasil e ao ensino de História no contexto do nacional-desenvolvimentismo*; o estudo de Adriane Barbosa de Almeida (PPEB, 2025) sobre *O legado intelectual de Maria Antonieta Serra Freire: contribuições para a educação escolar no Pará (1930-1961)*, é uma pesquisa histórica que investiga a atuação, as ideias e a influência de Maria Antonieta Serra Freire na educação paraense ao longo das décadas indicadas; o trabalho de Ana Paula Cunha de Sousa (PPEB, 2025), que trata das *Mulheres no congresso pedagógico do Pará na república (1900 - 1901): propostas para a instrução pública primária*, que discute a participação e a atuação das mulheres, especialmente professoras, nos debates educacionais realizados no início da República paraense, tomando como foco o Congresso Pedagógico ocorrido nesse período. Os estudos de Arlene de Almeida Leal (PPEB, 2025) que abordam a *Trajetoária profissional e memória docente: Altamira Pará (1970-1979)*; Cristina Félix de Araújo (PPEB, 2025), autora da dissertação *Entre fé e educação: uma análise das memórias de formação de ex-alunas do Instituto Maria de Matias em Altamira (Pa) na década de 1980*; Ester Marques da Conceição (PPEB, 2025), *Memórias de uma professora que ensina em classes multisseriadas: contribuições para a escola básica do campo no município de Igarapé-Açu/PA*; e a dissertação de Kelly de Faro Sousa (PPEB, 2025), *A trajetória docente e militante de Ana Verena Ramos: uma análise interseccional de gênero, raça e classe na educação básica em Altamira-Pa* trata da trajetória acadêmico-profissional e memória de mulheres, destacando sua atuação na

docência, gestão e pensamento educacional.

O que Livia Silva e Elianne Sabino (2021) chamam de migalhas de história ao se referirem ao quase total apagamento das mulheres da historiografia, Heloisa Santos (2022) apresenta como “fiapos de história”, sussurros; e que cabe a nós mulheres, historiadoras da educação problematizar a exclusão no gênero na historiografia e visibilizar o feminino na história em toda a sua potência, quer dizer:

Mulheres se constituindo como autoras ao pesquisar, interpretar, narrar, decifrar e apresentar outras mulheres, buscando e revivendo histórias adormecidas em prateleiras, gavetas, álbuns, cartas, documentos, álbuns, fotografias, fichas e papéis amarelados pelo tempo, que precisam ser contadas para que não sejam esquecidas (Santos, 2022, p. 15).

Se tivéssemos que resumir em poucas palavras uma justificação para a realização desta pesquisa, seria isso: para não sermos esquecidas! Para que a posteridade saiba que nós mulheres fomos pilares da educação em nosso país.

Cláudia Vianna (2013), ao tratar da feminização do magistério na educação brasileira como um longo processo que tem início durante o século XIX, faz-nos lembrar de um crescente número de mulheres que desde então passam a atuar na carreira docente para o Ensino Primário, e depois consequentemente à criação e expansão das escolas normais pelo país. Também cresceu o número de mulheres formadas por essas instituições, como uma das poucas possibilidades de atuação pública e profissional; o que vai culminar na década de 1990 do século passado, de praticamente maioria absoluta no magistério. De acordo com essa autora,

Mas não se trata apenas da presença do sexo feminino, a entrada das mulheres no magistério deve ser examinada a partir das relações de classe e gênero. Podemos então lembrar que se trata de um dos primeiros campos de trabalho para mulheres brancas das chamadas classes médias, estudiosas e portadoras de uma feminilidade idealizada para essa classe, mas também protagonistas da luta pelo alargamento da participação feminina na esfera econômica (Vianna, 2013, p. 164).

Quer dizer, esse processo é representativo de resistências e lutas travadas no campo socioeconômico-cultural. De outra forma, o abandono dos homens ocorreu também pela possibilidade que eles tinham de ascender mais facilmente a cargos mais bem remunerados e de maior prestígio (Vianna, 2013). A feminização do magistério se impõe, mas as mulheres professoras não aparecem na historiografia,

até então demarcadamente escrita por homens, o que carece de problematização e mudança.

A relevância de um estudo dessa monta, reside primeiramente no fato de que há um número diminuto de pesquisas realizadas que tomem o protagonismo feminino na Educação do estado do Pará, não somente enquanto passível de políticas educacionais previstas para mulheres, mas enquanto propositoras, protagonistas e intelectuais, como apontam Livia Silva e Elianne Sabino (2021), é que se justifica inicialmente essa iniciativa.

Depois, porque nossa sociedade merece conhecer os nomes das mulheres educadoras/intelectuais e seus contributos para a construção da Educação em nosso Estado, o que remete à sua relevância social; e ainda como contributo aos estudos do campo da história da educação de mulheres, ao se propor a investigar vestígios históricos já esquecidos e menosprezados, e trazê-los à luz da publicização acadêmico-social. Em contribuição a uma área de estudos pouco pautada no campo da História da Educação do nosso Estado; e sobretudo para resgatar o valor e protagonismo merecido de nossas mulheres educadoras.

Assim, o presente estudo aborda a temática das homenagens nominais às escolas estaduais do Pará com nomes de homens e mulheres, por meio de uma reflexão do pensamento educacional de mulheres e o que essas mulheres homenageadas representam e o que significam para a educação desse Estado, cujos objetivos principais são: a) Investigar o pensamento educacional de mulheres dentre elas mulheres que foram homenageadas com nomes de escolas do estado do Pará e o que estas mulheres significaram na educação; b) Levantar o número e nomes das escolas da URE (Unidades de Referência Especializada) 19 (Belém e Zona Metropolitana); e c) Identificar as essas mulheres que se fazem representar em nomes de escolas da cidade de Belém do Pará, com ênfase nas professoras.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Este estudo insere-se no campo da História da Educação, com ênfase na História da Educação de Mulheres, e adota uma abordagem qualitativa de caráter histórico-interpretativo. Para isso, partimos do entendimento de que a educação das mulheres constitui um campo de investigação fundamental para a compreensão das relações de gênero, poder e cultura escolar, historicamente marcadas por

silenciamentos, desigualdades e estratégias de resistência.

Desenvolvida enquanto pesquisa qualitativa, documental, cujos dados foram obtidos no site da Secretaria de Educação do Estado do Pará (Seduc), se configura como uma pesquisa qualitativa, porque se dedica a interpretação de dados qualitativos e descrições detalhadas de fenômenos e experiências, destacados em documentos, registros e discursos, ao que dedicamos um detalhamento profundo, por considerarmos o nosso objeto de estudo de natureza complexa e social e cultural que, portanto, não cederia a explicações meramente quantificáveis, conforme explica Suely Deslandes; Gomes; Maria Cecília Minayo (2013).

É do tipo documental, visto que, segundo Elisabete Pádua (2016):

É aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências; além das fontes primárias, os documentos propriamente ditos, utilizam-se as fontes chamadas secundárias, como dados estatísticos, elaborados por institutos especializados e considerados confiáveis para a realização da pesquisa (Pádua, 2016, p. 89).

Esses documentos obtidos foram inventariados, de modo a organizar os nomes das escolas da URE 19, conforme sua localização nas USE's (Unidade Seduc na Escola). Nesse sentido, obtivemos um quadro geral comparativo das principais figuras nomeadas (homens, santas e outras nomenclaturas que não dizem respeito a pessoas) para o ressaltar dos nomes de mulheres, em especial, o que nos interessava, dentre elas, as professoras.

Em relação ao inventário compreendemos como uma metodologia de organização e tratamento de dados que nos proporcionou selecionar as escolas mais relevantes, ao alcance de nossos objetivos, ao articularmos informações que se veem dispersas, e reorganizá-las, conforme temas recorrentes, o que favoreceu a percepção da constituição de sentidos, conforme orienta Val Toledo Prado e Jacqueline Santos Moraes (2011).

A análise ocorreu a partir de aportes teóricos da História Cultural, História das Mulheres e História da Educação de Mulheres. A História Cultural enquanto campo historiográfico que se ocupa da compreensão da (s) culturas no decorrer do tempo, ou num tempo histórico determinado, segundo Barros (2013), colaborou na descrição

de fontes e no extrapolamento de sua compreensão de aspectos socioculturais que engendraram determinados fenômenos e contextos.

A perspectiva teórico-metodológica dialoga com a História Cultural, conforme proposta por Chartier (1990), apropriada no campo educacional brasileiro por autores, como Diana Vidal (2006) e Eliane Lopes (2002), ao considerar as práticas, representações e discursos que produziram sentidos sobre o lugar das mulheres na educação. Tal abordagem permite compreender a educação feminina não apenas como um conjunto de normas institucionais, mas como uma experiência social 'atravessada' por valores morais, religiosos, políticos e pedagógicos.

Além disso, segundo Tailine De Santi e Toillier (2020), uma História das Mulheres se constitui como um campo historiográfico novo, datado do século XX, que inicia sob forte desconfiança e descrédito, mas que se projeta por sua relevância em consubstanciar "[...] a reconstrução do passado feminino" ao propor "[...] uma mudança de paradigma, reformular as categorias de análise histórica e, portanto, reescrever a história de uma alternativa de oposição com novos modelos interpretativos". Uma historiografia que visa dar significado às experiências femininas, "[...] inaugurando maneiras de abordar a história em conjunto com a revisão modelos que permeiam todos os grupos sociais e os fatores diferenciais que afetam as mulheres" (De Santi; Toiller, 2020, p. 3).

No tratamento das fontes, adotamos a noção de que os documentos não são registros neutros do passado, e sim construções históricas situadas, como defende Le Goff (1996), amplamente mobilizado na historiografia educacional brasileira. Assim, as fontes são analisadas de forma crítica, considerando seus contextos de produção, circulação e usos sociais. Também compõem a *corpora* documental a lista de escolas disponíveis por URE e USE.

A pesquisa se ancora também nos estudos de gênero, compreendendo o gênero como uma categoria histórica e analítica, conforme apropriado por Guacira Louro (1997), que evidencia como as diferenças entre homens e mulheres foram socialmente construídas e naturalizadas no âmbito educacional. Essa abordagem possibilita problematizar a feminização do magistério, os modelos de docência atribuídos às mulheres e os discursos que associaram a educação feminina à moralidade, à maternidade e ao cuidado.

Buscamos, dessa maneira, evidenciar as múltiplas formas de inserção das mulheres nos espaços educativos, suas práticas pedagógicas, estratégias de

permanência e atuação profissional, bem como os limites impostos pelas estruturas sociais e educacionais de cada período histórico.

Assim, a escrita histórica assume um compromisso ético-político com a visibilização das mulheres como sujeitos históricos da educação, conforme defendem Vidal e Faria Filho (2003), reconhecendo que narrar suas trajetórias e experiências, contribui para ampliar o cânone da História da Educação brasileira e tensionar as narrativas tradicionais centradas em sujeitos masculinos, instituições e legislações, e recolocar as educadoras no centro do debate historiográfico.

A História da Educação de Mulheres, no Brasil, tem sido amplamente problematizada por autoras que evidenciam o caráter histórico e socialmente construído da presença feminina nos espaços educativos. Leonor Tanuri (2000) demonstra que a ampliação da escolarização feminina esteve diretamente associada ao processo de institucionalização do magistério, especialmente a partir do final do século XIX, quando a docência passou a ser concebida como uma extensão das atribuições maternas. Esse movimento, ao mesmo tempo em que possibilitou o ingresso das mulheres no mundo do trabalho intelectual, as manteve vinculadas a discursos moralizantes, de vocação, abnegação e cuidado, limitando sua autonomia profissional e sua ascensão a cargos de decisão no sistema educacional.

Nessa mesma direção, Clarice Nunes (1999) e Maria Helena Câmara Bastos (2003) aprofundam a análise, ao demonstrarem que a feminização do magistério não pode ser compreendida apenas como um avanço quantitativo da presença feminina na educação, e sim como um fenômeno atravessado por relações de gênero, classe e poder. Para essas autoras, a escola se constituiu como um espaço ambíguo: ao mesmo tempo em que ofereceu às mulheres possibilidades de escolarização, sociabilidade e reconhecimento social, também operou como instância de controle simbólico, regulando comportamentos, saberes e trajetórias. Ao recuperar as experiências, práticas pedagógicas e percursos formativos das educadoras, essas pesquisas contribuem para deslocar a narrativa tradicional da História da Educação e evidenciam as mulheres como sujeitos históricos ativos, cujas ações foram fundamentais para a consolidação da escola pública e da cultura escolar no Brasil.

## RESULTADOS

Inicialmente, foi realizado e coletado dados do site do Governo do Pará, buscando em 19 unidades de URE, onde encontramos um total de 342 escolas da Grande Belém (Belém e Região Metropolitana de Belém). Esse levantamento resultou em 196 nomes masculinos, 98 femininos e 48 nomes indefinidos. A partir dessa busca e pelos resultados, foi possível compreender que há uma diferença notável de quantidade de nomes entre homens e mulheres que são homenageados (as) com seus nomes em escolas, visto também que ao analisar os nomes das pessoas homenageadas, é perceptível que há uma desigualdade de carreiras entre homens e mulheres.

Diante dessas análises, observamos que os nomes de homens homenageados são de maioria, políticos, militares, médicos etc. E dentre os nomes de mulheres estão principalmente professoras, escritoras, santas etc. Além disso, percebemos que há uma desigualdade de gênero, visto que a figura masculina é mais valorizada historicamente em suas representações.

Ao se configurar as homenagens nominais às escolas estaduais do Pará com nomes de homens e mulheres, se aborda uma reflexão do pensamento educacional de mulheres e o que essas mulheres homenageadas representam e significam para a educação. O estudo analítico realizado, coletou dados do site do Governo do Pará, onde vimos que atualmente a organização administrativo-territorial das escolas da rede, estão subdivididas em URE's e suas respectivas USE's. Nossa busca se restringiu a URE 19 que abrange dezoitos USE's, espalhadas pelo município de Belém e Região Metropolitana – Ananindeua, Marituba, Santa Bárbara e Benevides. No total, encontramos os nomes de trezentas e quarenta e seis escolas, contando com os anexos, como é possível observar na Tabela 1.

**Tabela 1:** Relação nº de escolas po USE e município e sítio.

| USE                | Ananindeua | Belém      | Benevides | Marituba | Snt. Bárbara | Total Geral |
|--------------------|------------|------------|-----------|----------|--------------|-------------|
| 1                  |            | 24         |           |          |              | 24          |
| 2                  |            | 22         |           |          |              | 22          |
| 3                  |            | 17         |           |          |              | 17          |
| 4                  |            | 22         |           |          |              | 22          |
| 5                  |            | 12         |           |          |              | 12          |
| 6                  |            | 15         |           |          |              | 15          |
| 7                  |            | 19         |           |          |              | 19          |
| 8                  |            | 20         |           |          |              | 20          |
| 9                  |            | 22         |           |          |              | 22          |
| 10                 |            | 23         |           |          |              | 23          |
| 11                 |            | 24         |           |          |              | 24          |
| 12                 | 19         |            |           |          |              | 19          |
| 13                 | 17         |            |           |          |              | 17          |
| 14                 | 19         |            |           |          |              | 19          |
| 15                 | 18         |            |           |          |              | 18          |
| 16                 | 17         |            |           |          |              | 17          |
| 17                 |            | 9          |           |          | 4            | 13          |
| 18                 |            |            | 15        | 8        |              | 23          |
| <b>Total Geral</b> | <b>90</b>  | <b>229</b> | <b>15</b> | <b>8</b> | <b>4</b>     | <b>346</b>  |

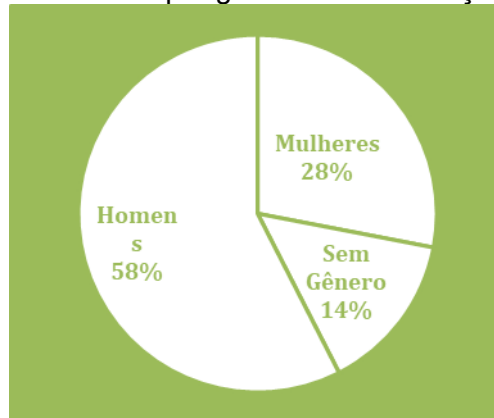
Fonte: As autoras, com base nos dados disponíveis no site da Seduc/Pa.

Como é possível observar na Tabela 1, das dezoito USE's da URE 19, de 1 a 11 são representativas de escolas no município de Belém e seus distritos, se contarmos com a USE 17, totalizando duzentas e vinte e nove escolas belenenses. As escolas do município de Ananindeua estão concentradas nas USE's 12 a 16, com um total de noventa escolas; Santa Bárbara tem suas escolas gestadas pela USE 17; e Benevides e Marituba pela Use 18; com o total de quatro; quinze e oito escolas, respectivamente.

Quanto à representatividade de nomes de mulheres em nomes de escolas do município de Belém e Zona Metropolitana, vejamos no gráfico a seguir:

**Gráfico 1:** Relação quantitativo de escolas por gênero nas nomeações.

|                    |            |
|--------------------|------------|
| Mulheres           | <b>97</b>  |
| Sem Gênero         | 50         |
| Homens             | 199        |
| <b>Total Geral</b> | <b>346</b> |



Fonte: As autoras, com base nos dados disponíveis no site da Seduc/Pa.

O resultado da pesquisa, como observado no Gráfico 1, conta com duzentos nomes masculinos, noventa e seis femininos e cinquenta nomes que não são representativos de nomes de pessoas. Observamos a sobrevalência da representatividade de nomes de homens ao de mulheres no que diz respeito à utilização de seus nomes em escolas; a menos da metade se considerarmos os municípios – em Ananindeua 23/53; Belém 65/132; Benevides 5/7; Marituba 2/6; e Santa Bárbara 1/2. Em números totais, a discrepância é maior ainda, como se observa no Gráfico 1.

A partir desses resultados, observáveis no Gráfico 1, podemos perceber que há uma enorme desigualdade no quantitativo de representatividade entre homens (58%) e mulheres (28%). Apenas 28% das escolas da URE 19 homenageiam mulheres ao nomearem as escolas com seus nomes. Desse percentual que representa noventa e sete escolas, buscamos identificar a procedência dessas mulheres e, em termos gerais, elas são: nomeadamente nos títulos de nomes das escolas como professoras (33).

Ao considerar o objetivo principal deste artigo que é o de investigar o pensamento educacional de mulheres, dentre elas mulheres que foram homenageadas com nomes de escolas do estado do Pará e o que essas mulheres significaram para a educação no nosso estado, filtramos desse total de noventa e sete escolas, somente as que dizem respeito aos nomes de professoras, em um total de trinta e três achados. Os quais é possível observar no quadro a seguir:

**Quadro 1:** Relação dos nomes de escolas da URE 19 que nomeadamente são de professoras.

| USE | Nome Escola                                | Município  |
|-----|--------------------------------------------|------------|
| 1   | EEEE Profª Rosalina Alvares Silva Cruz     | Belém      |
| 1   | EEEIF Profª Emiliana Sarmiento Ferreira    | Belém      |
| 2   | EEEE Profª Marluce Pacheco Ferreira        | Belém      |
| 2   | EEEFM Profª Placídia Cardoso               | Belém      |
| 3   | EEEFM Profª Antônia Paes da Silva          | Belém      |
| 3   | EEEFM Profª Ruth Rosita de Nazaré Gonzales | Belém      |
| 3   | EEEE Profª Celina Anglada                  | Belém      |
| 3   | EEEIF Profª Norma Morhy                    | Belém      |
| 7   | EEEFM Profª Hilda Vieira                   | Belém      |
| 7   | EEEE Profª Eugenia Cavalleiro de Macedo    | Belém      |
| 7   | EEEE Profª Maridalva Pantoja               | Belém      |
| 7   | EEEIF Profª Leonor Nogueira                | Belém      |
| 8   | EEEFM Profª Albanízia de Oliveira Lima     | Belém      |
| 8   | EEEE Profª Anésia                          | Belém      |
| 8   | EEEE Profª Donatila Santana Lopes          | Belém      |
| 8   | UEES Profª Yolanda Martins e Silva         | Belém      |
| 9   | EEEFM Profª Maria Luiza da Costa Rego      | Belém      |
| 9   | EEEE Profª Claudine Gabriele Lima e Silva  | Belém      |
| 10  | Anexo Núcleo Profª Helena Antipoff         | Belém      |
| 10  | EEEFM Profª Odete Marvão                   | Belém      |
| 10  | EEEFM Profª Ruth dos Santos Almeida        | Belém      |
| 10  | EEEFM Prof Palmira Gabriel                 | Belém      |
| 10  | EEEE Profª Lenira Teixeira Moura           | Belém      |
| 11  | EEEFM Profª Marta da Conceição             | Belém      |
| 11  | EEEE Profª Guajarina de Souza da Silva     | Belém      |
| 12  | EEEM Profª Maria Helena Valente Tavares    | Ananindeua |
| 13  | EEEFM Profª Regina Coeli Souza Silva       | Ananindeua |
| 14  | EEEFM Profª Dilma de Souza Cattete         | Ananindeua |
| 15  | EEEFM Profª Maria Araújo Figueiredo        | Ananindeua |
| 17  | EEEE Profª Luiza de Barros Pires           | Belém      |
| 18  | EEEFM Profª Ana Teles                      | Benevides  |
| 18  | EEEFM Profª Deusarina Nascimento Souza     | Benevides  |
| 18  | EEEM Profª Ruth Guimaraes Ferreira         | Benevides  |

Fonte: As autoras, com base nos dados disponíveis no site da Seduc/Pa.

Importante ressaltar que esse quadro foi gerado a partir dos nomes das escolas que deliberadamente indicavam as mulheres como professoras, no entanto, não descartamos a hipótese de haver mais nomes de professoras dentre as noventa e sete escolas nomeadas com nomes de mulheres, mas, por hora e por segurança

científica, apresentamos o quadro supracitado.

## DISCUSSÃO

Inicialmente, este trabalho foi idealizado, em boa medida, pela dificuldade de acharmos fontes, de que natureza fossem, que nos ajudasse a contar algo sobre as trajetórias de mulheres educadoras aqui no estado do Pará. As visitas a Biblioteca Pública Arthur Vianna e ao Arquivo público do Estado, dois principais locais de pesquisa na cidade de Belém, foram infrutíferas. E os achados de publicações de professoras em periódicos se vê publicado em: *História, mulher e educação na Amazônia paraense na primeira metade do século XX*, cuja autoria é de Livia Silva e Elianne Sabino (2021).

Essa escassez de fontes oficiais em muito se deve ao fato de a mulher branca, letrada, que tinha um melhor acesso aos processos formativos, era desautorizada de ter uma vida pública, como bem nos explica Michelle Perrot (1998) em *Mulheres Públicas*, pois as mulheres que subvertiam essa ordem sofriam, quase sempre, retaliações familiares e/ou sociais de forma mais ampla. Diz a autora, já na sua introdução que, “[...] Depravada, debochada, lúbrica, venal, a mulher – também se diz a ‘rapariga’ – pública é uma ‘criatura, mulher comum que pertence a todos’”. O homem público, ao contrário, “[...] desempenha um papel importante e reconhecido [...] participa do poder [...] sujeito eminente da cidade” (Perrot, 1998, p.7, grifos no original).

O lugar da mulher na sociedade era no âmbito do privado, da família, do lar. Exercer o magistério só lhe foi possível, em parte porque o ideário da época (séc. XIX/XX) compreendia à docência como extensão da maternidade, conforme assevera Guacira Louro (2011). Outros autores que corroboram nesse sentido são Galvêncio e Costa (2020, p.1595), quando dizem que, “[...] No decorrer do século XIX e ao longo do século XX foi se conformando a ideia de que as mulheres, dotadas de atributos naturais como: a sensibilidade, o amor e a vigilância, estariam mais aptas para a educação das crianças”.

Uma vez que a maioria das mulheres levava uma vida privada, a maior parte das fontes encontradas são da ordem da vida privada – álbuns, cartas, fotografias. Documentos oficiais são mais difíceis, um tanto por esse motivo, mas também por conta de uma cultura de não preservação de documentos (Saviani, 2017); e por outro

lado, porque uma sociedade calcada em princípios patriarcais e machistas, não há de considerar a produção de mulheres e seus registros públicos, como fatos e fontes importantes para a ciência histórica. Isso nos leva a entender o apagamento das mulheres na história como um ato deliberado, político e ideológico.

Há dados interessantes de serem cruzados que estão nos trabalhos de Maricilde Coelho (2014) e de Lopes e França (2023). Maricilde Coelho (2014), no seu texto *Discursos da docência: o feminino na nova escola republicana*, trata em boa parte da sua escrita da feminização do magistério no estado do Pará (1900-1906), destacando uma diferença de matrícula em 1906 de 211 mulheres (90,9%) para apenas 21 homens (9%). Enquanto, Lopes e França (2023), ao tratarem da criação dos primeiros grupos escolares – GP do estado (1899-1907)<sup>5</sup>, apresentam uma maioria de diretores homens (1º GP; 4º GP; GP de Alenquer, GP de Maracanã; GP de Mosqueiro), além do secretário de estado do interior e instrução pública também homens.

Todos esses homens, no texto estão expressos por seus nomes completos, alguns com alguma abreviatura, mas, de todo modo sabemos de quem se está falando. Há uma única menção a uma diretora mulher, do 5º GP, nomeada no texto “diretora Maria Luiza Pinto de Amaral” (Lopes; França, 2023, p.62). Não sabemos se os autores já encontraram a menção à diretora dessa forma na própria fonte, mas de qualquer maneira, sua designação está subsumida ao sobrenome da família, provavelmente a família paterna ou do marido.

Lopes e França (2023, p.122) trata ainda de apresentar os “os inspetores”, diz o autor: “[...] os inspetores eram professores diplomados pela Escola Normal, sendo nomeados pelo secretário de estado do interior”. Ora, Maricilde Coelho (2014) diz que em 1906 só tínhamos 21 matrículas de homens e que, entre 1900 e 1906, a diferença entre homens e mulheres matriculados na Escola Normal<sup>6</sup>, hoje IEEP<sup>7</sup>, era de 211 mulheres (90,9%) para apenas 21 homens (9%).

No texto já mencionado de Maricilde Coelho (2014), ela faz menção nominal a

---

<sup>5</sup> Ao considerar as referências que o autor faz da criação dos Grupos Escolares do interior e da Capital do estado.

<sup>6</sup> De acordo com Tavares Júnior (2012), a Escola Normal em Belém foi criada por decreto em fevereiro de 1890. Ressalta o marco republicano. Mas, indica que ela já houvera sido criada e extinta pregressamente, ainda no Império.

<sup>7</sup> Instituto de Educação do Estado do Pará (IEEP), antiga Escola Normal.

algumas professoras do Estado, como a Profa. Maria Stellina Valmont, citada por ter sido uma das primeiras normalistas formadas aqui no estado, na colação de grau da primeira turma em 1894. Profa. essa que dá nome a uma escola municipal de Belém<sup>8</sup>. Além dela são ressaltadas também as normalistas: Sirena de Castro Valente, Maria Guajarina de Lemos, Ernestina Braga, Mariana Hesketh Cavallero de Macedo, Maria José Baena, Vicentina Silva e mais dois alunos homens.

A seguir apresentamos alguns dados sobre algumas professoras, aqui já apresentadas, apesar da grande busca feita em sites de bibliotecas, museus, periódicos, os resultados foram poucos, mostrando assim a pouca relevância dada a essas mulheres. Foram encontrados dados das professoras Helena Antipoff. Encontramos uma dissertação de Maria Cleonice Mendes de Souza (2002, p.45) sobre Helena Antipoff, intitulada *A contemporaneidade de Helena Antipoff na fala dos meninos e meninas do sertão*, onde é possível saber que “[...] Helena Antipoff aceita o convite do Governo de Minas Gerais para organizar um laboratório de Psicologia Pedagógica, na Escola de Aperfeiçoamento, com o objetivo de aprimorar profissionalmente as professoras do Estado”.

Pela dissertação, *A ortopedia mental: contribuições de Helena Antipoff para a educação especial*, é possível inferir sobre como Helena Antipoff esteve “[...] à frente da Reforma implementada por Francisco Campos e Mario Casassanta” (Pettersen, 2016, p.10).

De acordo com Pettersen (2016), Helena Antipoff é uma referência importante para a Educação Especial de sua época e após obter o diploma da Escola Normal, que a habilitava para o ensino de crianças, Antipoff se tornou assistente de Claparède e integrou a equipe do Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR) em Genebra, na Suíça e durante sua permanência na Rússia, ela atuou na reeducação de crianças órfãs devido à guerra. Depois colaborou com a pesquisa de Aleksandr Petrovich Nechaevna, investigando a influência da guerra no desenvolvimento mental de crianças em idade pré-escolar

Conforme o texto escrito por Luciane Teixeira da Silva (2022), intitulado *A casa escola da pesca de Outeiro-Belém/PA: para o trabalho e para a liberdade*, até 1994, a principal instituição de ensino que atendia a região das Ilhas estava localizada na

---

<sup>8</sup> Não está no nosso corpus delimitado, mas cabe o ressalte.

Ilha de Cotijuba. Essa escola, denominada Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Marta da Conceição, permanece em funcionamento até os dias atuais.

A escola recebeu seu nome em homenagem a uma ex-funcionária do Educandário Nogueira de Farias, uma instituição correccional que abrigava menores infratores, oriundos de Belém e começou suas atividades em 1932. Marta não exercia o cargo de professora formada, ela atuava como merendeira e ensinava as crianças a lerem e escrever. Devido à relutância das famílias locais em permitir que seus filhos estudassem junto a menores infratores, algumas aulas começaram a ser ministradas na sede do Clube 15 de agosto em 1967.

Mas em 1969, com a desativação do Educandário Nogueira, a escola no clube recebeu autorização da Secretaria do Estado de Educação (SEDUC) para funcionar sob o nome de Escola 15 de agosto. Após uma reforma em 1984, a escola passou a se chamar Escola de Ensino Fundamental Professora Marta da Conceição, nome escolhido mediante consulta popular.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Prof<sup>a</sup> Rosalina Álvares Silva Cruz está localizada na Avenida Senador Lemos, nº 3430, no bairro da Sacramenta, em Belém, Pará. Fundada em 10 de abril de 1965, “[...] a escola recebeu o nome em homenagem à professora Rosalina Álvares Silva Cruz, uma pedagoga dedicada à causa da educação paraense” (Agência Pará, 2015).

De acordo com o *blog* da escola Profa. Placídia Cardoso, a Professora Placídia Alves Cardoso nasceu em 5 de outubro de 1877, filha de Luiz Zacarias Cardoso e Adlara Cunha Alves. Dedicou sua vida ao magistério no estado do Pará, dirigindo diversas escolas renomadas, como Rui Barbosa, Dr. Freitas, Benjamin Constant, D. Pedro II e José Veríssimo.

Em homenagem à sua significativa contribuição à educação paraense, foi fundada a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Placídia Cardoso, localizada na Rua dos Tamoios, nº 602, esquina com a Travessa de Breves, no bairro do Jurunas, em Belém. A escola foi inaugurada em 1941 como Grupo Escolar Professora Placídia Cardoso. Com as mudanças na legislação educacional, passou a ser denominada Escola Estadual de 1º Grau Professora Placídia Cardoso em 1971 e, posteriormente, em 1996, adotou o nome atual<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Disponível em: [ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO F.M. PROFESSORA PLACÍDIA CARDOSO](#). Acesso em: 29 mar. 2024.

A escola Professora Yolanda Martins e Silva foi fundada em 1979 e recebeu esse nome “[...] em homenagem a uma educadora paraense que contribuiu significativamente para a educação especial no estado”, conforme o *blog* da escola, ao tratar de seu histórico<sup>10</sup>.

De acordo com Salles (2016), Prof<sup>a</sup> Maria Araujo Figueiredo foi professora de piano e canto orfeônico. Professora do Instituto de Educação do Pará (IEP), criou vários grupos orfeônicos nesse estabelecimento; é autora do hino a Lauro Sodré e de harmonizações de melodias folclóricas regionais; dirigiu o conjunto artístico do Colégio Estadual Magalhães Barata e do IEP; ganhou o 1º lugar no concurso da Secretaria de Estado da Educação e Cultura e o título de melhor regente.

Segundo Marta Goreth Marinho Lima (2023), Albanízia Pinto de Oliveira nasceu em 12 de julho de 1951 em Fortaleza-CE, mudou-se para Belém com a família em 1954, estudou no Instituto de Educação do Pará (IEP) e no ano de 1974 ingressa no serviço público e atuou em escolas como Augusto Olímpio e Maroja Neto. Em 1978 se casou e passa a se chamar Albanízia de Oliveira Lima; em 1980 ingressa na UFPA para cursar Ciências Biológicas. De 1989 a 1990 assumiu cargos em comissão, como assessora do departamento de Ensino Fundamental. Faleceu em 25 de outubro de 1998 e, nesse mesmo ano, a família recebe o convite para homenageá-la com o nome de uma escola.

Em síntese, o percurso analítico, desenvolvido nessa seção, evidencia que a escassez e a natureza fragmentada das fontes sobre mulheres educadoras no Pará não são fruto do acaso, mas resultam de um processo histórico marcado por relações de poder, hierarquias de gênero e práticas deliberadas de silenciamento. Embora as mulheres tenham sido maioria numérica no magistério, especialmente a partir da feminização da docência, seus nomes, trajetórias e produções raramente foram reconhecidos nos registros oficiais, ao contrário do que ocorreu com os homens que ocuparam cargos de direção, inspeção e gestão educacional.

O levantamento de dados dispersos — provenientes de estudos acadêmicos, memórias institucionais, dissertações, *blogs* escolares e homenagens toponímicas — revela tanto a centralidade dessas educadoras na construção da educação paraense quanto os limites impostos à sua visibilidade histórica. Dessa maneira, reafirmamos a necessidade de ampliar o conceito de fonte histórica, valorizar documentos da vida

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.escol.as/15282-uees-prof-yolanda-martins-e-silva>. Acesso em: 29 mar. 2024.

privada e narrativas marginais e assumir, como postura teórico-política, o enfrentamento do apagamento das mulheres na história da educação e reconhecer suas experiências como constitutivas e indispensáveis para a compreensão do passado educacional amazônico.

## CONCLUSÕES

Diante das reflexões desenvolvidas, este estudo evidenciou que a História da Educação de Mulheres constitui um campo fundamental para a compreensão dos processos de escolarização, da constituição do magistério e das relações de gênero no contexto educacional brasileiro. Ao analisar trajetórias, práticas e discursos que envolveram a presença feminina na educação, é possível romper com narrativas históricas hegemônicas que, por muito tempo, invisibilizaram a atuação das mulheres como sujeitos centrais na construção da escola pública e da cultura escolar.

As contribuições das autoras brasileiras mobilizadas, como Leonor Tanuri, Clarice Nunes e Maria Helena Câmara Bastos, permitiram compreender que a inserção das mulheres no magistério esteve marcada por ambiguidades. Se, por um lado, a docência representou uma oportunidade de escolarização, profissionalização e reconhecimento social, por outro, foi 'atravessada' por discursos de controle moral, vocação e naturalização do cuidado, que limitaram a autonomia feminina e reforçaram desigualdades no interior das instituições educacionais. Essas análises reforçam a necessidade de compreender a feminização do magistério como um fenômeno histórico complexo, situado em contextos sociais, políticos e culturais específicos.

Do ponto de vista metodológico, o estudo reafirma a relevância da pesquisa histórica qualitativa, do uso crítico das fontes e da articulação de documentos outros para a construção do conhecimento histórico-educacional. A valorização das trajetórias de educadoras, ancorada nos estudos de gênero e na História Cultural, contribui para ampliar o campo da História da Educação e possibilita novas leituras sobre práticas pedagógicas, processos formativos e experiências docentes, especialmente aquelas protagonizadas por mulheres historicamente silenciadas.

Por fim, consideramos que investigações dessa natureza, além de enriquecerem o debate acadêmico, têm um compromisso ético e político com a valorização da memória e da atuação das mulheres na educação. Ao reinscrever suas

experiências na historiografia educacional, este trabalho contribui para a construção de narrativas mais plurais, críticas e inclusivas, abrindo caminhos para novas pesquisas que aprofundem os estudos sobre gênero, educação e história, particularmente em contextos regionais ainda pouco explorados.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PARÁ. Escola “Rosalina Álvares” é reinaugurada na Sacramenta, em Belém, 2015. [Disponível em: https://www.agenciapara.com.br/noticia/5490/escola-rosalina-alvares-e-reinaugurada-na-sacramenta-em-belem](https://www.agenciapara.com.br/noticia/5490/escola-rosalina-alvares-e-reinaugurada-na-sacramenta-em-belem). Acesso em: 29 mar. 2024.

BARROS, José D’Assunção. **Teoria da história**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BASTOS, Maria Helena Câmara. A educação das mulheres e a construção do magistério feminino no Brasil. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 447–470.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, Maricilde Oliveira. Discursos da Docência: o feminino na nova escola republicana. *In*: MELO, Clarice Nascimento de; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de (org.). **História da educação no Pará**. Belém: Eduepa, 2014. p. 151-164.

DE SANTI, Tailine Audilia; TOILLIER, Jean Sebastian. História das Mulheres: marcas de gênero e reflexões sobre a História Oral. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (ENAPHEM), 5., 2020, Natal. **Anais** [...]. Natal: UFRN, 2020. p. 1-6.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2013.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO F.M. PROFESSORA PLACÍDIA CARDOSO. **Histórico da escola estadual professora Placídia Cardoso**. Disponível em: escola estadual de ensino f.m. professora placídia cardoso. Acesso em: 29 mar. 2024.

ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA YOLANDA MARTINS. **História**. [Disponível em: https://www.escol.as/15282-uees-prof-yolanda-martins-e-silva](https://www.escol.as/15282-uees-prof-yolanda-martins-e-silva). Acesso em: 29 mar. 2024.

GALVÍNCIO, Amanda Sousa; COSTA, Jean Carlo De Carvalho. Formação educacional e redes de sociabilidade intelectual de Eudésia Vieira na Paraíba (Século XX). **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 20, n. 67, p. 1582-1608, out./dez. 2020. <http://doi.org/10.7213/1981-416X.20.067>. Disponível em: [Formação](#)

[educacional e redes de sociabilidade intelectual de Eudésia Vieira na Paraíba \(Século XX\)](#). Acesso em: 10 mar. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, Marta Goreth Marinho. **Albanízia**: o legado de uma professora para o ensino público do Pará. Belém: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **História da educação e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LOPES, Mário Allan da Silva; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de. **Vitrine da república**: educação, rituais e cultura material no 5º grupo escolar "Barão do Rio Branco" em Belém-PA (1900-1912). Curitiba: CRV, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla Beozzo (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 443-481.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

NUNES, Clarice. A feminização do magistério no Brasil: construção histórica e implicações sociais. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 97–118.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. Campinas: Papirus Editora, 2016.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PETERSEN, Laênia Martins. **A ortopedia mental**: contribuições de Helena Antipoff para a educação especial. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas, Belo Horizonte, 2016.

PORTAL SEDUC. **Consulta escolar**. Disponível em: [Consultar Escola | Portal SEDUC](#). Acesso em: 29 maio 2022.

SAVIANI, Demerval. Breves considerações sobre fontes para a História da Educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (org.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2017. p. 30-44.

SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos (org.). **Biografias de mulheres pelos fiapos de história**. Curitiba: CRV, 2022. v. 1 (Coleção Fiapos de História).

SILVA, Livia Sousa da; SABINO, Elianne Barreto. História, mulher e educação na Amazônia paraense na primeira metade do século XX. **Revista Cocar**, Belém, v.15, n.33, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4323>. Acesso em: 29 maio 2022.

SILVA, Luciane Teixeira da. **A casa escola da pesca de Outeiro-Belém/Pa: para o trabalho e para a liberdade**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

SOUZA, Maria Cleonice Mendes de. **A contemporaneidade de Helena Antipoff na fala dos meninos e meninas do sertão**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, 2002.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 61–88, maio/ago. 2000.

TAVARES JÚNIOR, Raimundo William. **Um viveiro de mestres: a escola normal e a cidade de Belém do Pará em tempos de modernização (1890-1920)**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

VAL TOLEDO PRADO, Guilherme do; SANTOS MORAIS, Jacqueline de Fátima dos. Inventário – Organizando os Achados de uma Pesquisa. **Entre Ver**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 137-154, set. 2011. DOI: <https://web.archive.org/web/20180503215609/http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/EntreVer/article/viewFile/1205/1448>. Disponível em: [scholar.archive.org/work/ljhaojqghffm5fl54p6hk7yhhq](https://scholar.archive.org/work/ljhaojqghffm5fl54p6hk7yhhq). Acesso em: 29 maio 2022.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília: Abaré, 2013. p. 159-180.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola primária**. Campinas: Autores Associados, 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 23, n. 59, p. 5–26, abr. 2003.